

BABEL: ENTRE A INCERTEZA E A ESPERANÇA,
DE ZYGMUNT BAUMAN E EZIO MAURO,
Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 150 p.

Alexsandro Junior de Santana

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
da Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo-SP, Brasil
alexjrstn@hotmail.com

Zygmunt Bauman (1925-2017), renomado sociólogo polonês e pensador contemporâneo, ocupou seus últimos anos de vida como professor emérito da universidade de Leeds, no Reino Unido. De vasta produção literária, encantou e fez pensar leitores por todo o mundo sobre temas como holocausto, sociedade de consumo na pós-modernidade e a liquidez das relações humanas. Ezio Mauro (1948) é jornalista italiano e editor do jornal *La Repubblica*. Durante muitos anos, foi correspondente nos Estados Unidos e em Moscou, onde aprendeu a ver o mundo com outros olhos.

A partir do conto a “A loteria da Babilônia”, inserido no livro *Ficções*, do escritor e poeta argentino Jorge Luiz Borges, Bauman e Mauro desenvolvem um diálogo pertinente sobre os impasses do capitalismo globalizado, o enfraquecimento gradativo da democracia, as novas tecnologias da informação e a esperança como fonte de resistência aos perigos atuais e futuros.

A obra é composta de prólogo, três capítulos e epílogo. Ao longo de 150 páginas, apresenta-se por meio de diálogo entre os autores, que vão intercalando suas reflexões e levantando questões e possíveis respostas, que atingem diretamente a humanidade e seu modo de vida atual.

No prólogo, Bauman explica por que tem como ponto de partida o conto de Borges:

A loteria é uma instituição que recida a vida mortal, transformando-a numa sequência interminável de novos começos. Cada novo começo pressagia outros riscos, mas num pacote que compreende novas oportunidades. Com a loteria na Babilônia, os gregos inventaram uma maneira de extrair o veneno da mordida desta peste: a incerteza (p. 7).

No primeiro capítulo, “Num espaço desmaterializado”, os autores questionam sobre o rumo que vem tomando a democracia em nossos dias, cujo objetivo primeiro era proteger as nossas vidas em conjunto, e agora não consegue proteger a si mesma. Tal fragilidade se dá devido à crise que toma conta de todas as instituições, principalmente da econômica e da financeira, provocando um clima de incerteza sobre o futuro das sociedades humanas. Apesar de todos os problemas, a democracia é “ainda capaz de se repensar, de modo a imaginar de novo e recuperar o poder de governar de fato” (p. 13). Será necessário um esforço significativo por parte dos cidadãos para que o sistema democrático possa prevalecer. O sistema político, mesmo se dizendo democrático, ergueu pontes levadiças na relação entre o Estado e os cidadãos, na qual o primeiro é livre para tomar qualquer tipo de decisão e o segundo está imobilizado e incapaz de provocar transformações.

No segundo capítulo, “Num espaço social de transformação”, Bauman e Mauro expõem os grandes desafios que o mundo enfrenta atualmente, em que a desigualdade social merece destaque. O elemento da generosidade parece perder gradativamente sua força, provocando o surgimento de grupos isolados que apenas se ocupam de causas próprias. A partir deste aspecto, “a exclusão é a nova forma da desigualdade, não apenas uma de suas consequências” (p. 47). Os excluídos sociais vivem à margem da democracia, não tendo relevância para o progresso tão almejado pelo sistema econômico atual. Um dos caminhos para a superação do problema é desenvolver uma consciência responsável e comprometida com a causa dos excluídos.

Os autores percebem, em meio ao debate, uma questão de extrema importância e que deve ser levantada: “Por que continuamos a fazer perguntas aparentemente incapazes de romper o círculo vicioso de enigmas?” (p. 58). Deter-se apenas na problemática dificulta o surgimento de respostas e transformações sociais.

O terceiro capítulo discute os “Solitários interconectados”. As novas tecnologias da informação, principalmente a internet, provocaram uma profunda transformação na maneira como os seres humanos se relacionam. Mesmo os recursos mais avançados não garantem boa comunicação interpessoal. O capítulo aborda também várias questões que tocam as novas formas de comunicação, desde o controle das informações por parte do governo até a produção de conhecimento.

No epílogo, Mauro compara nossa sociedade eletrônica com as dos povos nômades coletores e caçadores, nas quais encontra muitos elementos semelhantes.

O texto em si é dinâmico e fluido; os autores recorrem a diversos teóricos para esboçar um quadro amplo e complexo sobre os acontecimentos que o mundo vem enfrentando neste início de século. Por parte dos leitores, é necessária atenção especial para não se perderem na quantidade de informações repassadas por Bauman e Mauro. Deve-se entender o texto como ponto de partida para outros pensamentos e ideias.

O texto trabalha com afinco a questão dos refugiados, a qual poucos pensadores contemporâneos têm a coragem de adentrar. Ambos os autores contribuem de forma significativa para expressar um ponto de vista sobre tal problemática.

Recomendamos a leitura de *Babel* para estudantes, professores e pesquisadores que desejam entender quais são os problemas que a humanidade vem enfrentando atualmente e que exigem, por parte de cada indivíduo e da sociedade como um todo, responsabilidade, solidariedade e esperança.